

Israel diz que matou Larijani, homem-forte do regime do Irã

Ministro da Defesa de Israel também anuncia assassinato de chefe da milícia Basij

O governo de Israel anunciou que matou em um ataque na madrugada desta terça-feira (17) Ali Larijani, considerado o principal operador do regime islâmico do Irã e o verdadeiro poder por trás da ascensão do novo líder supremo do país, Mojtaba Khamenei.

Segundo o ministro Israel Katz (Defesa), além de Larijani foi morto também Gholamreza Soleimani, comandante de uma das principais unidades paramilitares iranianas, a milícia Basij, responsável por reprimir protestos contra a teocracia.

O Irã ainda não se pronunciou. Após o anúncio de Israel, a conta de Larijani no X publicou uma nota escrita à mão sem data pelo político na qual ele celebrava os marinheiros mortos por um ataque de um submarino americano contra uma fragata iraniana no oceano Índico.

Larijani, 67, é a figura mais importante a ser alvejada por Israel desde o primeiro dia da guerra, em 28 de fevereiro, quando os ataques conjuntos lançados com os Estados Unidos mataram o pai de Mojtaba, Ali Khamenei, que comandava o país havia 37 anos.

Cerca de 40 lideranças militares e políticas da teocracia também foram mortas naquela onda inicial de ataques, da qual Larijani emergiu como o nome mais forte do regime. Ele era homem de confiança do antigo líder e chefe de seu Conselho de Segurança Nacional.

Imediatamente, assumiu o controle da comunicação do go-



Larijani, chefe de segurança do Irã, foi morto em um ataque de Israel

verno, suplantando o presidente Masoud Pezeshkian, que integrava uma trinca constitucional de transição até a escolha do novo líder. Isso ocorreu rapidamente, em uma semana, e Mojtaba foi eleito pela Assembleia dos Especialistas.

Houve queixas algo abafadas entre alguns dos 88 integrantes do colegiado acerca da falta de transparência do processo, conduzido com mão de ferro por Larijani para manter o edifício da teocracia em pé.

Larijani era muito próximo

da estrutura da Guarda Revolucionária, incrustada em diversos aspectos da vida econômica e civil iraniana. Ele era amplamente visto como o fiador de Mojtaba, figura também próxima da Guarda, mas muito mais reclusa.

Há relatos, contudo, de que Larijani preferia um nome mais moderado para a liderança. Seja como for, o novo líder supremo, que não apareceu em público até agora, terá de lidar com uma nova estrutura de poder. Dada a natureza opaca do regime, é provável que outras figuras ocupem

o vácuo, e hoje o maior cacife para estar com a linha-dura da Guarda.

O fato é que nem a presença de Mojtaba é uma certeza. Ele só fez um pronunciamento até aqui, na semana passada, e foi um texto lido pela mídia estatal. Segundo membros do governo, ele foi ferido no ataque em que seu pai e outros cinco membros da família morreram, mas está bem.

O presidente americano, Donald Trump, já colocou em dúvida essa versão. Na segunda (16), afirmou que não sabe se o líder

“está vivo ou morto”. Já a agência Reuters disse que autoridades da chancelaria iraniana tiveram nesta terça a primeira reunião com Mojtaba, e que ele manteve a posição de não negociar com EUA e Israel agora.

Se confirmada a morte de Larijani, o processo de decapitação do regime promovido por Washington e Tel Aviv ganha novo capítulo.

Nele, a eventual morte de Soleimani, 61, ganha destaque porque a milícia Basij, parte da Guarda, é constituída pelos jovens mais ideológicos ligados ao regime. Foi ela que comandou a repressão aos atos contra a teocracia em janeiro, os maiores em 47 anos de regime, que deixaram milhares de mortos.

Nos ataques desta noite, segundo a mídia israelense e o New York Times, foi alvejado também o chefe da ala militar do grupo terrorista palestino Jihad Islâmica, Akram al-Ajourri, que está no Irã. Ele também morreu, segundo relatos iniciais ainda não confirmados.

O premiê de Israel, Binyamin Netanyahu, foi mais econômico do que Katz. Disse apenas que o político havia determinado “a eliminação de altas autoridades do regime iraniano”. Tanto ele quanto Katz já afirmaram que o novo líder iraniano também está marcado para morrer, dado que manteve a política do pai de pregar destruição do Estado judeu.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Donald Trump volta a falar em conquistar Cuba

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou durante conversa com jornalistas nesta segunda-feira (16) que “acredita que terá a honra de tomar Cuba” e que “pode fazer o que quiser” com a ilha.

“Ouví minha vida toda sobre os Estados Unidos e Cuba. ‘Quando é que os EUA vão fazer isso?’. Eu realmente acredito que terei a honra de tomar Cuba”, disse Trump no Salão Oval da Casa Branca.

O repórter que fez a pergunta inicial questiona, então, o americano: “tomar Cuba?”, e Trump responde: “Tomar Cuba de algum jeito, sim, tomar Cuba, quero dizer, libertá-la, tomá-la, acho que posso fazer o que quiser com ela”, afirmou o republicano.

Trump disse ainda que a ilha é uma “nação falida”. “Eles não têm

dinheiro, não têm petróleo, não têm nada. Eles têm terras boas, uma paisagem bonita, é uma ilha linda. E acho que tem ótimas pessoas”, afirmou, referindo-se em seguida a cubanos que emigraram e ficaram ricos nos EUA.

Washington, no entanto, é o principal impeditivo hoje para que Cuba importe petróleo. A ilha, bloqueada pelos EUA de receber a commodity, dependia de fluxo que vinha da Venezuela sob Nicolás Maduro, capturado pelo governo Trump em janeiro, que ignorava o bloqueio.

Nesta segunda, voltaram a ficar claros os efeitos desses três meses sem o óleo venezuelano. A empresa estatal que opera o sistema elétrico nacional anunciou colapso da rede e um apagão que afeta toda ilha e sua população, de cerca de 10 milhões de pessoas.

A companhia afirmou em publicação na rede social que não foram detectadas avarias em nenhuma das usinas termelétricas em funcionamento do país quando a desconexão total do sistema ocorreu. Não há ainda informações sobre causas ou previsão de retomada do serviço.

A ilha já vivia sob apagões constantes há anos, problema que se aprofundou já no ano passado.

No sábado (14), manifestantes críticos ao regime atacaram um escritório do Partido Comunista no centro de Cuba, informou um jornal estatal, em uma rara explosão de dissidência pública provocada pelos apagões.

Cuba recebeu apenas duas pequenas embarcações com importação de petróleo neste ano, de acordo com dados de rastreamento de navios da LSEG vis-

tos pela agência Reuters nesta segunda-feira.

O primeiro navio-tanque descarregou combustível em janeiro no porto de Havana, vindo do México, que também era um fornecedor regular para a ilha até então. A segunda embarcação, vinda da Jamaica, descarregou gás liquefeito de petróleo em fevereiro.

A estatal venezuelana PDVSA carregou gasolina no mês passado em um navio-tanque que havia sido usado anteriormente para transportar combustível para Cuba, mas a embarcação não deixou as águas venezuelanas, conforme mostraram documentos da empresa do país e dados de monitoramento de navios.

O regime cubano tem conversado com a Casa Branca, conforme admitiu o líder Miguel Díaz-

-Canel, em anúncio televisionado na última sexta-feira (13).

O contato não é inédito. Embora antagonistas, os dois países já passaram por outros momentos de negociação desde que a Revolução Cubana tirou do poder o ditador Fulgencio Batista, aliado dos EUA, em 1959. De lá para cá, ao menos 13 presidentes americanos tentaram, sem sucesso, alterar o status quo da ilha, combinando pressões estratégicas e cálculos domésticos.

Em nenhum momento, porém, os ventos pareceram tão favoráveis a Washington, que coloca a ilha como próximo alvo de movimentos agressivos da diplomacia do segundo mandato de Trump que refletem sua “Doutrina Donroe” de intervenções no Hemisfério Ocidental.

Por Folhapress